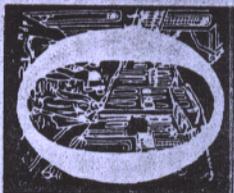


AS FESTAS DOS CARIBES NEGROS



S acontecimentos que levaram à constituição dos Caribes Negros em grupo étnico distinto e autónomo formam um apêndice da piroresca, agitada, novelesca história das Antilhas. Os conflitos de interesses das grandes potências coloniais (Inglaterra, França e Espanha) e dos diferentes tipos de aventureiros, como sejam corsários, filibusteiros, bucaneros, "privateers", ladrões de alto mar ou, para usar um termo mágicamente evocativo, piratas, cada qual se enquadrando dentro de um estatuto legal particular, se cruzam e entrecruzam numa trama complexa, difícil de distinguir quanto aos pormenores. Felizmente, para o caso em aprégo existe uma documentação precisa.

É sabido que grupos aruaques vindos do continente sul-americano, em épocas remotas e indeterminadas, ocuparam sucessivamente as diferentes ilhas do arquipélago antilhano, encontrando fraca resistência por parte dos primitivos habitantes. Ao empêdêles vieram os caribes, seus inimigos tradicionais. Em 1492 Colombo encontrou nas Grandes Antilhas as culturas altamente desenvolvidas, que os cronistas mais tarde iriam chamar Taíno e Ygneri (Igneri, Iñeri). Foram estes Taínos que contaram aos espanhóis os rasgos de ferocidade de seus adversários, tornando-se assim indiretamente responsáveis pela introdução do vocábulo "canibal" nas línguas européias modernas. (Esta é uma das trinta e duas variantes de "Caribe" que se podem encontrar na literatura).

Os relatos seicentistas deram grande relevo à prática da antropofagia, em primeiro lugar, para impressionar a imaginação dos leitores europeus, ainda parcialmente dominada pelo maravilhoso medieval. Mais tarde, foi o principal argumento usado para considerar os "índios" todos, sem exceção, como feras não pertencentes ao género humano, e podendo ser reduzidos ao papel de bétas de carga, ou simplesmente exterminados.

É também do conhecimento geral que os caribes, ao conquistarem as Pequenas Antilhas, mataram os Aruaques do sexo masculino, mas conservaram as mulheres como concubinas. Com o correr do tempo,

como as línguas faladas pelos dois grupos tivessem afinidades marcadas, acabaram por fundir-se numa só, que preservava, porém, formas peculiares a cada sexo. Ainda hoje, na linguagem dos Caribes Negros, há distinções entre expressões masculinas e femininas. Estas últimas mostram tendência a sobrepujar aquelas, não estando longe o momento em que as terão eliminado por completo.

Menos de um século depois da conquista, os espanhóis, em nome da religião cristã e da civilização ocidental, tinham, à força de maus tratos, de trabalho forçado, e de chacinas em massa, conseguido exterminar por completo a população indígena das Grandes Antilhas. Nas Antilhas Menores, a penetração dos franceses e ingleses encontrou resistência denodada por parte dos Caribes. Obrigados a abandonar ilha após ilha, concentraram-se em São Vicente, santa Lúcia, e outras menores, onde puderam resistir aos ataques dos inimigos.

No decorrer de 1635, dois navios espanhóis naufragaram nas águas semeadas de escolhos traiçoeiros do litoral de São Vicente. Os escravos negros, que eram a carga que traziam, lograram atingir terra, depois de terem, presumivelmente, liquidado os sobreviventes da tripulação. Em 1675, o mesmo ocorreu com um negroiro português, chamado "Begina" (?) nos documentos ingleses. Parece que aqui houve revolta dos escravos, os quais se teriam apossado da embarcação, e provocado seu encalhe nos bancos de areia.

Como quer que seja, este foi o núcleo inicial da formação do novo grupo étnico. Os africanos, a princípio, se submeteram aos Caribes, os quais, mau grado da notoriedade terrível que se tinha lido em tôrno do nome dêles, mostraram-se mais humanos que os brancos. Alguns dentre os negros foram reduzidos à condição servil, que entre os ameríndios, porém, se governava por instituições bastante diversas do regime das plantações antilhanas. O escravo que se distinguia na guerra podia, eventualmente, casar-se com a filha do amo, e ser admitido como membro do grupo, gozando de todas as regalias de homem livre. Dêste modo se foi operando uma miscigenação afro-americana, que produziu uma classe mestiça, cujo número e poder aumentavam dia a dia.

Não tardaram os senhores a conceber viva inquietação, provocada por essas circunstâncias. Deliberaram usar de uma medida que já fôra empregada contra os Aruaques: a exterminação de todos os homens e crianças do sexo masculino dentre os seus servos. Estes tiveram conhecimento do fato, revoltaram-se, e se retiraram para outra parte da ilha, levando as famílias. Assim surgiram frente aos Caribes pròpriamente ditos (que os autores posteriores chamam "Caribes Vermelhos") os Caribes Negros. Nem sempre as relações

entre ambos foram hostis? mas o "modus vivendi" que se estabeleceu consagrava a posição de supremacia da antiga classe servil.

Por essa época, ou sejam, princípios do século XVIII, já havia numerosas plantações nas Antilhas, dedicadas à produção de açúcar, bebidas alcoólicas, tabaco, e outras mercadorias. A importação de escravos era altíssima. Os negreiros, conhecedores das águas antilhanas, não mais naufragavam; mas os negros, isoladamente ou em grupos, aproveitavam tôdas as oportunidades de fugir para São Vicente. Evidentemente que se tratava de um problema grave para os colonizadores ingleses e franceses.

O período que se segue é caracterizado por incidentes múltiplos, os Caribes Negros aparecem ora como aliados ora como adversários dos "Vermelhos", dos ingleses, dos franceses, dos aventureiros de espécie vária que pululavam no Mar das Antilhas no século XVIII. Como resultado final, os Caribes Vermelhos, reduzidos a um mísero punhado de homens, retiraram-se para outras ilhas, chegando alguns a atingir o continente, de onde os seus antepassados tinham saído, séculos antes.

Não é essencial para os propósitos dêste artigo entrar em pormenores quanto às inúmeras lutas e guerras de âmbito local ou internacional e aos muitos pactos firmados pelos Caribes Negros. O espírito maleável e o alto poder de adaptação que os distingue se evidenciaram claramente pela absorção de elementos culturais europeus, inclusive armas de fogo, no manejo das quais se tornaram rapidamente destros. O cultivo dos produtos tropicais, que encontram na Europa um mercado em fase de grande expansão, e o modo por que dominaram a arte da navegação no insidioso litoral vicentino, lhes asseguraram grande prosperidade. O tratado de 1773 com a Coroa inglesa deu-lhes fundamentos legais às atividades comerciais e marítimas, e lhes definiu o estatuto de homens livres e proprietários. (1)

O quadro da vida dos Caribes Negros que os documentos da época nos permitem retratar é interessante de mais de um ponto-

(1) Esta parte histórica, que foi amplamente desenvolvida na tese de doutorado do autor, se funda sobretudo nos documentos publicados pelo governo inglês sob a rubrica "Calendar of State Papers — Colonial Series — America and the West Indies". Foram consultadas também as seguintes obras:

Edouard Conzemius, "Ethnographical notes on the Black Caribs (Gairi)",

American Anthropologist, n. s., Vol. XXX (1928), ps. 183-205.

Jean Baptiste Dutertre, "Histoire Générale des Isles Antilles habitées par les Français" 4 vols., Paris, 1667-1670.

Bryan Edwards, "The History Civil and Commercial of the British in the Indies", 5th edition, 5 vols. London, 1809-1819.

Jean Baptiste Labat, "Nouveau voyage aux Isles Françaises d'Amérique", 6 vols., Paris, 1722.

de-vida. Para um racista, o fato de serem mestiços, e, ademais, produtos do cruzamento de duas "raças inferiores", os condenaria à degenerescência e a um obscuro vegetal, conducente à extinção total. Ao contrário, o que se viu foi um grupo, atacado por todos os lados, tendo que viver constantemente em pé de guerra, conseguir não só impor respeito e temor aos adversários mas também proteger material e intelectualmente. Os vinte únicos anos de paz que lhes foram concedidos permitiram-lhes um desenvolvimento econômico que assegurava o bem estar de todos e mesmo a fortuna de alguns, como o chefe Satuié (Chatoyé), que possuía vários escravos. Já então deveria estar formada, em seus traços essenciais, a cultura caribe negra, com sua fisionomia própria. Este período áureo fixou nas canções, lendas, na tradição viva do grupo, a lembrança de São Vicente como a de um paraíso perdido.

É permissível conjecturar que, se essa linha de desenvolvimento tivesse sido seguida, ter-se-ia criado a experiência histórica de uma nação soberana negra de bases mais sólidas e com maiores probabilidades de êxito do que as do Haiti e da Libéria. A árvore, no entanto, foi cortada cerce, antes que pudesse dar frutos. A Revolução Francesa atingiu as Antilhas, em 1794 e os Caribes Negros se juntaram aos republicanos franceses de São Vicente na revolta contra a Coroa inglesa. A luta foi intensa e feroz, havendo lances de crueldade de parte a parte. Vencidos, os aventureiros mestiços foram considerados um perigo constante para os proprietários ingleses. Em 1797, exceção feita de uns poucos que conseguiram escapar, a massa dos Caribes Negros era transportada a força para navios de guerra que os foram jogar à ilha de Roatan, na baía de Honduras. (2)

É inútil segui-los no labirinto intrincado e explosivo da história centro-americana. A opereta, a comédia, o conto humorístico parecem ter feito dela seu domínio permanente. A desventurada república de Honduras inspirou um dos clássicos menores da literatura moderna norte-americana: "Cababages and Kings", de O. Henry. (3).

Hoje, os Caribes Negros se encontram, em sua grande maioria, ao longo de estreita fimbria litorânea que se estende da península

(2) Romulo E. Duón, "Bosquejo de la Historia de Honduras", San Pedro Sula (Honduras), 1927.

(3) O. Henry "Cababages and Kings", Penguin Books s/d., New York. A página mencionada se realizou em 1947-1948, sob os auspícios do Departamento de Antropologia da Universidade Northwestern, estipendiada por uma bolsa de concessão da Carnegie Corporation, e por outra da própria universidade. O autor confessa sua dívida de gratidão para com o Prof. Melville J. Herskovits e senhora, por cuja intercessão lhe foram concedidas as bolsas, e cujos conselhos úteis lhe serviram de guia constante.

de Yucatán às matas e pantanais da Mosquitia, terra de ninguém entre Honduras e Nicarágua. Outras aldeias se encontram na ilha de Roatan e em Panamá. Chicago e Nova York abrigam colônias de algumas dezenas de indivíduos; Londres também, segundo indícios não verificados. A língua, a cultura, os hábitos e costumes que lhes são peculiares os destacam das populações em que vivem. Ativos e empreendedores, com o ar de indefinível superioridade que dá o conhecimento de outras línguas e de outras terras, possuidores de espírito cooperativo em alto grau, competidores econômicos perigosos, são alvo de hostilidade mais ou menos manifesta nas cidades maiores em que vivem. É curioso observar que as acusações dirigidas contra as comunidades judias na Idade Média se repetem neste caso: infanticídios rituais, feitiçaria, pactos com o diabo, maquinações para lesar os de fora do grupo... Não fossem a falta de estrutura política e a impermanência das instituições públicas na maioria dos países da América Central, certamente haveria perségução organizada. Por outro lado, essa mesma instabilidade cria condições sumamente adversas a qualquer tipo de desenvolvimento.

Apesar da diversidade de suas origens étnicas e das inúmeras vicissitudes históricas por que passou, a cultura caribe negra se apresenta ao observador como uma e íntegra. Já se comparou a cultura dos negros da Bahia, do Haiti, e de outras partes do novo mundo, a um mosaico composto de elementos coloridos diversos. A imagem que convém aqui é outra. Os Asanti da Costa do Ouro se notabilizaram pela riqueza e finura dos tecidos que produzem. Não podendo, no entanto, abastecer-se de matéria-prima, vêm-se obrigados a importar algodões e lãs ingleses, cuja trama desfazem com os fios assim obtidos recompõem admiráveis telas, de acórdio com as suas tradições artísticas. Da mesma forma, os elementos africanos, ameríndios e europeus, que vieram a formar os padrões culturais dos Caribes Negros, foram por eles destriçados dos contextos primitivos e entretecidos de modo a criar novas combinações. O estudioso que tenta uma reconstrução étnico-histórica, onde não é ajudado pelos documentos oitocentistas e setecentistas, encontra obstáculos insuperáveis. Nos casos em que existe documentação, deparamo-nos muitas vezes com fatos surpreendentes.

Por exemplo, tomemos a língua. Douglas Taylor, possivelmente o melhor especialista em linguística antilhana da atualidade, verificou que as influências africanas no vocabulário caribe negro são menores que nos das línguas europeias modernas. Entretanto, trata-se de um grupo cujo património genético é africano na proporção de 80%, no mínimo. Mais uma prova (se ainda fôsse necessária) de que o conceito de raça deve ser necessariamente fluido, e baseado unicamente em dados biológicos.

Se a língua quasi não contém misturas, na religião, ao contrário, encontram-se estreitamente associados ao catolicismo (na sua variante ibero-americana) um cerimonial e uma concepção do mundo resultantes da fusão dos patrimônios culturais africano e americano. Os processos de aculturação atuando sôbre as festas produziram uma grande riqueza de matices, em que se combinam de modo diferente o vermelho, o negro, e o branco.

Cumprir distinguir, em primeiro lugar, entre as festas de caráter incidental, e aquelas mais solenes que recaem em datas prefixadas. O sagrado e o profano, tanto no tocante às celebrações quanto na vida quotidiana, devem ser concebidos como polaridades de um mesmo contínuo, e não como categorias mutuamente exclusivas.

As do primeiro tipo se prendem a um acontecimento qualquer na vida de um membro da comunidade, principalmente morte, casamento, ou revestimento de uma casa.

A festa funeral é chamada "balúriu", em que facilmente se percebe a derivação da palavra comum ao espanhol e ao português, "velório". Quando morre alguma pessoa, a notícia se espalha com rapidez telegráfica, e os amigos e parentes, sem esperar convite, se dirigem para a casa enlutada. Estendem-se velas de barcos entre os telhados de casas contíguas, formando-se assim um grande espaço a coberto do sereno da noite. Enquanto junto ao caixão e aos cirios acesos as velhas rezam o terço, arram-se no terreiro mesas de jogo, enquanto os jovens dançam a "punta", e as crianças se entretêm com os brinquedos típicos de tais notadas. As portas de duas ou três cabanas, grupos numerosos de pessoas de tôdas as idades se reúnem para ouvir as histórias tradicionais.

A arte da narração verbal entre os Caribes Negros participa mais da natureza do teatro do que propriamente da ficção. Como na tragédia grega, o entredo, baseado nas façanhas de personagens legendários, é conhecido de todos. O prazer artístico do auditório não consiste, portanto, no inesperado de um lance dramático, mas no talento expressivo do narrador, que se mede pelos recursos da mímica, colorido dos diálogos, e incidentes secundários, em geral de natureza cômica, que a imaginação lhe sugere. Os assistentes participam ativamente, com exclamações e comentários; se o interesse esmorece, o narrador aproveita a primeira oportunidade para introduzir uma canção, cujo estrilho é cantado em côro. Persiste a lembrança de um famoso contador de histórias que, em uma noite em que estava especialmente inspirado, conseguiu estender uma narração por duas horas, sem que a atenção da assistência se dispersasse por um momento sequer.

A família do morto tem a obrigação de dar de comer e beber aos participantes do velório. Salvo no caso do falecido ter deixado fortuna apreciável, entende-se que os parentes e amigos têm o dever tácito de prestar ajuda física e financeira. Na prática, resulta ser a festa um empreendimento coletivo, em que os onus se distribuem equitativamente.

Durante os nove dias que se seguem, reza-se o rosário; ao final da novena, há outro "baile de punta". Os funerais das crianças são mais simples, não havendo em geral baile, mas uma pequena festa para os companheiros de brincados do morto. O cerimonial decresce em complexidade tanto mais quanto menos entrado em anos é o indivíduo que morre. Para os que não chegam a atingir um ano de idade, prescinde-se de todo rito que não sejam os atos religiosos que a Igreja Católica prescreve. A explicação dada tem suas bases no sistema de teologia e cosmologia especificamente nativo.

Acreditam os Caribes Negros que, ao lado do corpo que possui um princípio vital por muitos assimilado ao conceito católico de alma, existe um duplo, ou corpo astral, a que chamam "áfurugu". (Esta palavra não tem aceção exclusiva e significa "o-outro-de-um-par", podendo ser aplicada também a um sapato, uma luva, e assim por diante). Esse "outro" é denominado em espanhol "angel de guardia", e se concebe como a réplica exata do corpo a que está ligado, se bem que constituído de substância etérea, dotada de fluidez e mobilidade extremas. (4)

Os "áfurugus" não têm todos o mesmo péso nem a mesma agilidade. Supõe-se que os que se amedrontam facilmente possuem um "outro" excessivamente leve; na hora do perigo falta-lhes, tomando a expressão ao pé da letra, a presença de espírito. O "áfurugu" do morto não abandona a terra senão depois dos nove dias de rezas, que se destinam a purgá-lo dos pecados, e das festas que iniciam e concluem esse período. Estas têm por objeto alegrá-lo, para que empreenda a grande viagem de bom humor e não seja retido na terra por desejos insatisfeitos e lembranças demasiado vividas. A crença, comum a muitos outros povos, é de que o duplo espiritual, semelhante ao criminoso que dizem voltar sempre ao local do crime, não pode afastar-se facilmente dos lugares onde viveu ou sofreu intensamente. Se o morto era violento de natureza, ou sujeito a emoções fortes, maior será sua dificuldade de romper com os laços terrenos. Aquêles que "morrem mal", ou seja, em consequência de

(4) Ruy Coelho, "The Significance of the Couvade among the Black Caribs", "Man", Vol. XLIX, 64, May, 1949.

"Man", "Les concepts d'âme chez les Caraïbes Noirs", "Journal de la Société des Américanistes (a sair)".

desastre ou crime, são os que mais comumente se apresentam à vista dos vivos como "uffé" (aparições).

Teoricamente, portanto, o fantasma seria uma ocorrência excepcional. No entanto, raríssima é a noite em que pelo menos um dos habitantes de uma aldeia não veja um espírito, e muitas vezes seja atacado por êle. Não quer isso dizer que os Caribes Negros se conformem à clássica chapa dos "primitivos aterrorizados por suas superstições grosseiras". É verdade que êles vivem num universo cheio de perigos espirituais, onde a cada passo se defrontam com grandes forças de natureza oculta. Mas para cada mal há um remédio. Um cristão (palavra com que designam o ser plenamente pertencente à comunidade humana) tem meios de defesa contra a hostilidade dos entes incorpóreos, e, com a ajuda do "búie" (sacerdote-curandeiro) conseguirá mesmo influenciá-los a seu favor. O nervosismo e apreensão de muitos (os que têm "áfurugu" leve) assemelham-se aos de certas donas de casa, que nutrem verdadeiro temor da electricidade.

Os sentimentos de segurança da maioria provêm sobretudo da proteção que os mortos, em sua vida de além-túmulo, continuam a dispensar aos membros de suas famílias. As relações entre os antepassados endeusados e seus descendentes vivos formam uma intrincada trama de deveres e obrigações reciprocos sobretudo de natureza ritual; e que é a parte da vida religiosa dos Caribes Negros que lhes pertence em exclusivo. O velório, os nove dias de orações, e o "segundo velório", que vem em seguida, são os primeiros passos do processo de delificação do morto.

Durante o "novenário", sobre o altar, que segundo o costume se arma na sala principal da casa, coloca-se um copo d'água e o cachimbo do morto, no caso dêle ser fumante. Ao fim dêsse período, o espírito emprende a longa caminhada que o conduz a um empíreo descrito de acôrdo com os modelos da escatologia católica, mas conservando vários elementos não-europeus. É comum sentir-se cansado, e manifestar aos vivos, por meio de sonhos ou sinais que se devem interpretar, o desejo de banhar-se ("amuedhaní"). Este banho é um rito íntimo, em que sômente os membros da família tomam parte.

Depois da missa de aniversário do falecimento, ou mesmo antes, oferece-se um banquete ao morto, em que se associam os vivos para homenagear os espíritos dos antepassados, coletivamente designados como "áhari" ou "gubida". A cerimônia mais simples, compreendendo apenas a invocação dos espíritos, oferecimento ritual dos alimentos, e certo tipo de cantos e danças, chama-se "cugu". O grande festival que dura vários dias, revestindo-se da máxima pompa, em

que é comum o espírito "entrar na cabeça" do adorador que dança em sua honra, é denominado "digi", para o qual é fácil encontrar paralelos em quasi tôdas as culturas negras do Novo Mundo. É este o famoso "baile de cupita", assim chamado pelos "Ladinos" (5), que é combatido pela Igreja Católica e severamente reprimido pelas autoridades, descrito com abundância de pormenores sinistros por gente que, em geral, nunca teve ocasião de vê-lo.

Um dos resultados da repressão policial e eclesiástica contra a religião nativa foi acentuar a tendência já existente na mentalidade caribe de eviar contrastes violentos entre diferentes aspectos da cultura, e tudo fundir no mesmo quadro, em que as transições se marcam por risações do colorido e cambiantes em claro-escuro dos valores luminosos. A passagem de uma festa profana a uma cerimônia religiosa é insensível, e escapa à vigilância das autoridades, ignorantes dos costumes de seus subordinados. O autor, durante sua permanência numa vila de Honduras, ouvia constantemente do vigário e do magistrado locais a afirmação de que o "cupitismo" tinha sido inteiramente banido da região. E, no entanto, teve a oportunidade de assistir a não menos de cinco cerimônias.

Um incidente curioso ilustra bem esta técnica de dissimulação. La uma celebração religiosa a meio, quando, no mais acesso das danças, desce do Centro uma patrulha. Assim que os percebe, grita uma mulher: "Viva San Juan!" (era por junho então), e os soldados, após se deterem por um minuto, seguem seu caminho rindo e conversando.

Ainda que não existisse a necessidade de dissimulação, seria difícil, à primeira vista, distinguir a festa profana da religiosa, para quem se criou nos meios burgueses do mundo ocidental contemporâneo. A idéia de officio religioso, nesses meios, aparece indissolvemente associada ao traje escuro, à meia-luz da igreja, ao silêncio reverente, à solenidade e ao decôro. O catolicismo popular dos países latinos vai perdendo pé. Na Peninsula Ibérica e na Itália, ainda resistem as tradições melievais, mas a custo. Os "seises" do Corpus Christi em Sevilha têm já um sabor arqueológico.

Entre os Caribes Negros, a atitude de veneração ante os poderes espirituais não necessita revestir-se de gravidade, nem deve acompanhar-se da inibição das manifestações emotivas. Se a tristeza desagrada aos vivos, com maior razão aos mortos, que afinal foram convidados para uma festa. Nos termos de um informante, seria estru-

(5) Os habitantes da América Central se designam a si próprios como Indios, Caribes e Criollos (ambos chamados negritos: negro é palavra de insulto), e Ladinos. Os Blancos ou Bianquinos são os que pertencem às mais altas classes sociais.

cho se uma família ao dar uma festa recebesse os convidados vestida de preto, com choros e gemidos. O sentimento religioso é concebido como uma força vital e dinâmica, capaz de inspirar danças vigorosas e cantos a plenos pulmões.

A melancolia, ao contrário, tem quasi sempre um cunho diabólico. O indivíduo de ânimo sombrio, que sempre aparece de fisionomia carregada, é um feiçoico potencial ou efetivo. E o diabo nunca deixa de aparecer aos que se recolhem à solidão da mata, nos momentos de grande desânimo. É mesmo um dos truques clássicos do Malazarte caribe, nas histórias em que acaba por enganar "el Bruto", fingir a principio um abatimento mortal, para fazê-lo surgir.

Não quer isso dizer que haja proibição das manifestações de dor. Os mecanismos de repressão e inibição não são sistemáticamente impostos ao espírito da criança caribe, como sucede entre nós. Quando se vedam certos modos de manifestar-se às forças emotivas, imediatamente se indicam outras vias de expressão. Em lugar da barragem pura e simples da correnteza, que pode levar à inunção e à formação de lençóis d'água subterrâneos, há sempre canalização. O adulto tem ao seu dispor técnicas de sublimação, de transferência, de acomodação de conflitos, que na sociedade ocidental são mais communmente frutos de dolorosas experiências individuais, de tateamentos às cegas.

No tocante às expressões de pesar, o autor teve ocasião de presenciar cenas, durante os velórios e outras cerimônias, que lhe pareceram tanto mais comoventes quanto era visível o empenho em não entregar à emoção. Algumas lhe ficaram indelévelmente gravadas no espírito. Por exemplo, iluminada de um ângulo lateral e baixo, por uma lanterna no chão, a máscara dolorosa de uma sobrinha de um morto, mulher gorda e bem humorada, que ao perceber seu choro observado, limpou o rosto com o revés da mão, murmurando com um meio-sorriso de desculpas: "El pobre viejo ese!" Nessa mesma ocasião, um dos velhos respeitadas do lugar, inquietando-se quanto à interpretação que poderia ser dada aos costumes caribes pelo estrangeiro que viera de tão longe estudá-los, explicou que os regozijos do velório não eram um acinte ao falecido, como diziam os Ladinos maldosos. "Pero con eso probamos que la muerte no nos derrotá!"

Em face de tôdas as situações difíceis da vida, prescreve-se a adoção de uma atitude de indiferença aparente, de redução ao mínimo de manifestações emotivas. Existem técnicas, comuns a todo o grupo social, de desviar a afetividade dos caminhos perigosos propondo-lhe novos objetos de interesse imediato. Dessa forma,

fulga-se evitar que as fôrças que desencadeiam os infortúnios sobre os homens tenham meios de agarrá-los e submetê-los aos seus caprichos cruéis.

Esses traços psicológicos, no entanto, só se desvendam depois de dilatado período de contacto e observações continuas. Quem os vê pela primeira vez, em suas festas, e mesmo na vida quotidiana, não terá dificuldades em aceitar como válido o clichê mental do negro folgazão, pueril, quasi irresponsável. Mais difícil ainda será dar-se conta da seriedade e fervor religiosos que animam muitas dessas celebrações.

O aspecto festivo domina inteiramente o velório; só a presença do cadáver na capela ardente, e das velhas que rezam o rosário, denuncia o fundo voltivo da função. Supõe-se que o espírito também compartilhe dos regozijos, pois que, afinal, trata-se de uma festa de despedida em honra dele. Sua intervenção no "cangu" é ainda mais apreciável, revelando, muitas vezes, aos parentes vivos o desejo de saborear um determinado prato, e de assistir e ouvir a uma determinada dança e um determinado canto. Desse modo, o "gundjai" e o "sambai" (que nada tem de comum com o samba brasileiro), formas de dança consideradas já algo arcaicas, ainda se mantêm em razão dos pedidos ocasionais dos espíritos. Mães comumente, podem-se observar danças modernas, tanto de origem caribe como rumbas, boleros, e outras que tais. Entretanto, o que chamam "adigirahani" (literalmente, tripudiar, ou amassar com os pés) só é executado durante o "digi". A análise do "digi" em tôda complexidade e riqueza de pormenores transcenderia dos propósitos deste artigo. Nunca será demasiado repetir que, como sucede com o can-domblé, a macumba, o xangô, e outras cerimônias afro-americanas, as idéias relativas ao ritual caribe são inteiramente falsas; as descrições de orgias barbaras e sangrentas feitas por jornalistas e homens de letras em sua grande maioria são fruto da imaginação dos autores.

Ao lado das danças propriamente ditas há o "abáimahani" e o "arúmahani". Durante as festas, num momento de intervalo das danças, é comum um grupo de mulheres se dispor em fila no meioda sala, e, cada qual segurando o dedo mínimo da mão esquerda da companheira que está à sua direita, começa a executar os movimentos e cantar as melodias do "abáimahani". Esses movimentos lentos, poderiam ser interpretados como uma estilização simbólica dos gestos imemoriais da mulher que trabalhava (lavando roupa, raspando mandioca, "abrindo" a massa de farinha com o rôlo da madeira...). As longas frases musicais se projetam como uma incessão de volutas góticas, alcançando-se e baixando de novo, até

chegarem num susco-fusco de fermatas anasaladas. O efeito é apaixonante, sedativo, quasi hipnótico.

Não é de estranhar, portanto, que quando uma mulher adoecer as amigas que vêm visitá-la façam "abáimahani". Assegura-se que é um santo remédio contra as dores de tôda espécie. É comum também ser pedido pelos mortos, nas festas que lhes são consagradas. A quasi tôdas as ocasiões se adapta o "abáimahani"; quando trabalham, porém, as mulheres tagarelam sem cessar e não cantam nunca.

O "arúmahani" é o "abáimahani" dos homens; os movimentos são mais violentos, sugerindo remar ou puxar a rêde de pesca. Só os velhos ainda o cultivam, estando pois em vias de desaparecimento. Outras ocasiões de festejo são, naturalmente, os casamentos. Muito freqüentemente um casal delibera casar depois de anos de colabitação, tendo já filhos crescidos. Um pai de família de condição modesta não hesita em entregar uma filha a um rapaz pobre e sério que manifeste intenção de casar-se quando as circunstâncias permitirem. A sociedade é chamada a ratificar esta união, de um modo tácito, por meio da "embarrada", que é o revestimento de barro da casa de pau-a-pique onde vai morar o futuro casal, e que se faz numa jornada de trabalho coletivo, com a ajuda de parentes e amigos, semelhante ao mutirão do Brasil e ao "husking bee" dos Estados Unidos. Uma vez completada a tarefa, comidas e bebidas são servidas, e, ao som dos tambores, começam as danças. Também nesse caso, quando as famílias dos noivos são de recursos econômicos modestos, os onus da festa são compartilhados pelos convidados.

Nada se serve aos convidados nas reuniões chamadas "veladas", que são representações teatrais, organizadas, na maioria das vezes, por professoras públicas (de passagem, o número de Caribes Negros que exerce funções no professorado é, relativamente a Honduras e América Central, muito alto). Arma-se o palco com uma dúzia de sólidas pranchas e dois cavaletes; as velas dos barcos servem de plano-de-bôca e de cenário. A iluminação, conquanto se tenham à disposição somente lanternas de quetozene, não é inteiramente desquidada; em mais de uma ocasião se podiam notar efeitos de luz e sombra deliberadamente explorados.

O vestuário não apresenta problemas: chitas baratas são talladas e cosidas ao sabor de uma fantasia ingênua pelas costureiras locais. O público não é exigente neste particular.

As únicas peças nas quais existe um verdadeiro texto, são os autos e comédias pastoris de José Trinidad Reyes. O Padre Reyes é um dos grandes vultos da história de Honduras; viveu em princípios do século passado, e ao morrer deixou uma tradição, por certo entre-

tecida de lendas, de grande saber e imensa bondade. Suas produções teatrais constituem um fenômeno curioso da história literária: o autor, forma de matéria que se extinguiu na Europa, graças a elle teve ainda um lampejo de vida na America Central, em principios do século passado.

O valor dessa obra do ponto-de-vista critico não é desprezível. O lirismo ingênuo, os temas tratados, aparentam-na aos primitivos ainda próximos do "mistério" medieval, a um Gil Vicente, um Juan del Encina, antes do que à elaboração barroca de Lope de Vega.

Na actualidade, as peças do Padre Reyes vêm sendo representadas menos frequentemente, cedendo o passo aos espetáculos de variedades, inspirados pelos festivais de fim-de-ano dos colégios brancos. Nestes, há entremezes curtos, em que intervêm anjos, diabos, santos, Jesus e a Sagrada Família, que são o que há de mais espontâneo e vivo no teatro caribe. O público aceita dócilmente certas convenções, como a da invisibilidade dos personagens sobrenaturais, por exemplo. Os grandes momentos cómicos são quando um anjo, vestido de branco e com um quépi de official da marinha, após ter administrado grande surra num demônio gordalhufo e covarde, expulsa-o do palco a golpes de chugo nas nádegas rebolantes. As lembranças do teatro de bonecos europa se impõem ao espirito; mas nenhuma ligação directa ou indirecta se pôde descobrir.

A lingua usada para os diálogos, mesmo nestas peças curtas semi-improvisadas, é sempre o espanhol. A maioria das canções são em caribe, como também as observações, comentários e réplicas que cruzam sem cessar do público ao palco e vice-versa. Ninguém se cohe de manifestar suas reacções, o que muitas vézes leva os actores a abandonar a linguagem nobre.

O estilo de representar difere nos dois géneros. O texto poético do Padre Reyes é recitante em tom de melopéa monótona, quasi sem inflexões; o importante é que ninguém deixe de ouvir todas as sílabas dos versos. Os recursos mimicos e vocais tão amplos usados na narração das histórias fabulosas não se utilizam na arte cénica. Os entremezes cómicos têm o dialogo reduzido ao mínimo, e se caracterizam pela acção violenta, que dispensa da procura de expressão mais refinada.

As peças de José Trinidad Reyes se podem representar em qualquer época do ano, mas são consideradas mais proprias do período do Natal, ocasião de grandes festividades. Exclusivas desse período são as chamadas "pastoras". Na noite de Natal, nas casas onde são armados presepios, apresentam-se grupos de dez ou mais meninas, de nove a dezessis anos. Vestem-se de branco e azul, trazem flores artificiais no chapéu, e na mão um cajado enfeitado de

papel-de-sêda colorido. O efeito é de um roccó de cromo de calendário. Cantam as "loas" alusivas ao nascimento de Jesus, marcando o ritmo com os bastões, girando sobre si mesmas em determinados momentos. Depois de algum tempo, surge um "pastor", de camisa de mangas bufantes, coleite de côr viva, e grande pluma no chapéu. Trava dialogo com as pastoras, após o que, novas cantigas, e retiram-se todos para outra casa em que haja presepio. O protagonista masculino é sempre chamado "el Barolo".

Conhecido do autor apenas por descrições é o "juego de tiras", que não se realizou nem no Natal de 47, nem no Sábado de Aleluia do ano seguinte, que seria outra ocasião propícia. Segundo os relatos dos informantes, trata-se de uma luta entre Mouros e Cristãos, em que intervêm generais e mensageiros, reis, rainhas e princesas. Ponto curioso: o número de homens em cada bando se reduz ao rei, a pé, ao general e aos mensageiros, a cavallo; os demais, em maior número, são a rainha, a princesa, e as damas mouras ou cristãs, tódas a pé.

Ao lado desses brinquedos de origem européa, que se encontram numa forma ou noutra em vários países da America Latina, têm os Caribes Negros outros que lhes são intrinsecamente peculiares. O fim-de-ano coincide com o solstício de inverno, que parece ter-se revertido de grande importância nas civilizações antillanas. Aos elementos ameríndios, no entanto, se devem ter mesclado outros de origem provavelmente africana.

O ciclo das festas de Natal se inicia oficialmente com a chegada do "váirine". Este é um jovem dançarino, que na manhã de 24 de dezembro é levado de barco a um ponto deserto da costa, e adornado de fôlhas de várias tonalidades e de flores. Depois de que, elle e os moços que formam seu séquito, voltam às canoas e se fazem ao largo. A multidão, que se ajuntou na praia, vê surgir de um ponto do horizonte a floitilha, de vela tódá ao vento, e mastros ornados de folhagem verde. De longe já se ouvem os tambores e os cantos, e, mal a proa morde o fundo arenoso do desembarcadouro, salta fora o "váirine" e começa a executar sua dança característica. Forma-se o cortejo, que visita as casas mais abastadas, onde é de praxe recebê-lo com gulodices e copos de "guáru" (aguardente de cana).

A partir deste momento, até o Dia de Reis, nas cidades e aldeias caribes só é possível encontrar em estado de perfeita sobriedade os muito velhos e os muito doentes. A festa é dominio de todos; as pessoas mais ricas convidam os amigos, mas as portas de suas casas são abertas aos grupos de dançarinos e cantores que cada noite

as visitam sucessivamente. Chamam a isso "hōgōhōgo" (6). Não só os moços integram esses grupos; alguns são compostos exclusivamente de velhas que conhecem bem as canções antigas e os escândalos recentes, que são postos em versos de alusões transparentes.

Outras formas de diversão ocorrem durante o dia. Pelas ruas passam constantemente, detendo-se frente àqueles que são convidadas a contribuir com dinheiro, grupos de um ou mais mascarados, tendo à frente música (em geral tambores e, uma que outra vez, guitarras e sanfona), e os cantores. A figura estranha a que denominam "flādgānā", que leva sobre os ombros uma armação de vime trançado de mais ou menos dois metros de altura, na ponta da qual se balança a cabeça de olhos, ouvidos e bôca de conchas, causa sempre hilaridade. Passa o "Índio bravo", de cocar e tanga de plumas, todo pintado de vermelho, e ameaçando de manchar de "urucum" aquêles que se negam a dar-lhe uma moedinha que seja. Mas o que provoca verdadeiramente entusiasmo são os que se designam por um plural coletivo: os "pia y manáti", os "karapatá", os "uanáragua".

As informações a respeito de "pia y manáti" não são detalhadas, e nem foi dado observá-los. Parece tratar-se de um bailado com um rudimento de drama, semelhante a "Karapatá". Douglas Taylor aventou a hipótese de uma origem ameríndia para o brinquedo, lembrando que nas lendas de alguns grupos caribes Pia ou Pia, irmão gêmeo de Makunaima, se mete em estranhas aventuras rabelaisianas com um peixe-boi (manati ou manadi) (7). Não houve oportunidade de comprovar essa hipótese.

Os personagens principais de "karapatá" são: o velho, a velha, o animal de bico ou "picudo", o caçador e o feiticeiro. O "picudo", que traz no rosto uma máscara com um apêndice singular, parecendo mais uma tromba coberta de escamas do que bico, molesta todos e de tal modo que o caçador o abate a tiros. Aí o velho e a velha, depois de demonstrarem grande mágoa, e terem procurado reanimá-lo por todos os modos, vão buscar o feiticeiro. Este consulta livros, faz gestos cabalísticos e muitas micagens que provocam riso. Afinal ressurge o bicho, quando o feiticeiro, como último recurso, pede ao público por meio de mímica que jogue moedas junto ao lugar onde ele está estendido. Como se vê, as linhas essenciais do enredo apresentam certa analogia com o "Bumba-meu-boi". São sempre os mais jovens, vigorosos e melhores dançarinos que formam o grupo dos "uanáragua" ou "máscaros". Os trajes de séda

(6) A vogal que aparece aqui representada pelo "o" se aproxima do som simbolizado no International Phonetic Alphabet por "ɔ" (i trema). O til indica nasalização.

(7) Comunicação verbal ao autor.

e os altos toucados de plumas, embora hoje poídos e ressequidos, testemunham de um antigo esplendor. Andam em grupos de quatro, cinco, ou mais, em que cada componente dança por sua vez. O tempo rápido e os ritmos intrincados da dança exigem também os mais hábeis tamboreiros. Entre êles e os bailarinos, que trazem gusos presos às pernas, abaixo do joelho, parece estabelecer-se um desafio. Os tambores (três, em geral) lançam no ar polirrítmicos complexos, que o dançarino que se exhibe no momento procura seguir com brilhantes variações individuais. Ao primeiro sinal de cansaço, retira-se aos saltos num só pé, e o que vai substituí-lo avança com passo idêntico. Assim é possível manter a dança no mesmo compasso dinâmico ao extremo, até o momento em que os tamboreiros não possam mais. Ao cair da noite, acendem-se lâmpadas de querosene, e as sombras desmesuradamente alongadas, que se projetam sobre as paredes brancas de cal, acrescentam efeitos novos ao espetáculo.

Meses depois do Natal, por meados de abril, há o brinquedo de "máipol" (do inglês "May pole"). Como nos outros casos, é difícil averiguar minuciosamente quais os elementos europeus que estão na origem do costume, e qual sua proveniência. A esse propósito se poderiam evocar as Maias da Península Ibérica, ao que se teria vindo juntar uma influência inglesa, difundida a partir da Honduras Britânica.

Como quer que seja, tem um ar de família com os reisados brasileiros. No dia marcado, forma-se o cortejo vestido à fantasia, que vai à casa da "rainha do máipol" (que é sempre uma menina que não tenha ainda atingido a puberdade), de banda de música à frente. Aí chegados, rompem todos em gritos de "Viva la reyna!" A rainha, devidamente coroada, põe-se à testa do seu séquito, que se dirige para o largo principal da localidade, onde se encontram, preparados de véspera, os mastros que são bambus cobertos de papel colorido. (Pormenor curioso, de sabor bem brasileiro: em 48, ano de eleição "livre e democrática", determinaram as autoridades que o vermelho e branco, côres tradicionais do "máipol", mas que também o são do Partido Liberal, fossem substituídos pelo azul e branco da bandeira nacional). Depois de uma pomposa alocação da rainha aos seus "súditos", armam-se os mastros, e tem início o festejo.

Desvencilham-se as fitas multicoloridas presas aos topos de cada um dos bambus, e os figurantes se dispõem à sua roda, cada qual segurando a ponta de uma delas. A música toca em compasso lento, que serve de cadência à mesma "marcha dançadinha", como dizia Mário de Andrade, do cortejo. Os passos dos figurantes se cruzam e recruzam, em círculos de âmbito cada vez mais estreito, à medida

que o poste se vai cobrindo do trançado das fiás. Para distração-las, uma vez chegado junto ao mastro, re fazem o percurso, em sentido contrário. R. começam em seguida, para formar um padrão diferente do anterior, e assim por diante.

O "máipol" (e, presumivelmente, também o "juego de tiras") é do agrado das famílias mais abastadas em especial. A divisão de classes, que entre os Caribes Negros é pouco aparente, devido à ausência de intervalos descontínuos entre uma e outra e de diferenças marcadas entre o alto e o baixo da escala, não deixa de existir, no entanto. A soma gasta com os algodões das fantasias, embora reduzida, de um ponto-de-vista geral, cresce de importância numa economia quasi de subsistência. Aos olhos dos pescadores mais pobres, que têm dificuldade em arranjar dinheiro para comprar sequer anzóis e cordas, qualquer despesa suntuária é fonte de prestígio.

De tudo quanto ficou para trás se poderia concluir que os Caribes Negros vivem em festa contínua. O que não seria inteiramente falso, mas que poderia levar a erros graves de interpretação. As idéias róscas que a palavra festa tem o dom de suscitar não correspondem à realidade, neste caso. A noção do "primitivo", inocente, despreocupado e feliz, fruto da especulação bem pouco empírica de Jean Jacques Rousseau, depois de ter acumulado o ranço de dois séculos, persiste, tenaz, nas páginas dos jornais e na conversação da burguesia semi-culta.

Por outro lado, é evidente que as atividades não orientadas para a produção ocupam entre eles mais tempo do que entre nós, ocidentais. A concepção de um período de trabalho, mais ou menos desagradável, e de um período de férias, em que nada se faz, é estranha ao modo-de-pensar caribe. Assim como não existe uma delimitação nítida entre a atividade de fins práticos, de um lado, e do outro, a recreação e o descanso, a festa perde o caráter excepcional e singular que tem entre nós. Para o Caribe Negro, o festivo e o quotidiano, como também o sagrado e o profano, são gradações da mesma escala.

Compare-se, para maior clareza de idéias, o Natal caribe com o carnavaal brasileiro. Ao lado das poucas celebrações que lhe são exclusivas, a festa caribe é sobretudo uma condensação de tódas as formas de divertimento coletivo existentes na cultura. Não existe um tipo de comportamento que, tendo sido obrigatoriamente reprimido durante o ano todo, se torne permíssivel durante o período festivo. Os Ojibway do Wisconsin, que o autor também teve ocasião de estudar, apresentavam na vida quotidiana uma aparência de mansidão e mesmo passividade, sob os efeitos do alcool, porém, davam vasas à hostilidade mais violenta. O "gúaru", que os Caribes Negros

consumem em grandes quantidades durante as festas, não faz senão aumentar os sentimentos de cordialidade. Durante mais de dez meses, das inúmeras celebrações de todo tipo que foi possível observar, só ficou a recordação de duas brigas, que, aliás, não passaram de discussões violentas, sem que se chegasse às vias de fato.

Por outro lado, não existem tampouco manifestações de alegria excitada e febril, tão comuns entre nós. Evidentemente, há um estado-de-espírito festivo, mas que vai se impondo gradativamente, até dominar por completo. A súbita queda de tensão, a depressão dos fins de festa da sociedade branca, não foi observada em caso nenhum.

A terminação destas notas coincidiu com o aparecimento da edição francesa de "L'Homme et le Sacré", de Roger Caillois, livro que já fôra publicado em espanhol, anos atrás. Como a análise do fenômeno sociológico da festa é um dos temas centrais da obra, cria-se assim a oportunidade de uma discussão em termos gerais. Caillois vê na festa, antes que tudo, um mecanismo de preservação da ordem tradicional. A sociedade, como é sabido, tem por ali-cercas as normas de conduta impostas aos indivíduos que a compõem. Os impulsos instintivos, contidos pelas proibições vigentes, têm num período de licença generalizada uma válvula de escapeamento. A festa se caracteriza, portanto, pela possibilidade de fazer tudo que não é permitido em tempo comum. Em lugar da obrigação de produzir, a faculdade de consumir imoderadamente, ou mesmo de destruir. À continência sexual se substitui a mais ampla liberdade. A etiqueta e o respeito hierárquico são momentaneamente abolidos; toleram-se os insultos e o ridículo dirigidos contra as autoridades e seus símbolos.

A violação da regra se converte, paradoxalmente, num modo de assegurar sua observância em tempos normais. Liga-se estreitamente a esta função uma outra, de caráter mágico: a renovação das energias individuais pela comunhão com as forças tempestuosas da natureza.

As influências de Durkheim e de Nietzsche são claramente perceptíveis nesta concepção. Em tão ilustre companhia, Caillois não estabelece, sobretudo, a filiação com o mestre da Escola Sociológica Francesa. O que não deixa de ser inquietante, porém, é que, quarenta anos depois da morte de Durkheim, pouco ou nada se tenha acrescentado ao seu esquema conceptual. No fundo do pensamento de Caillois ainda subsiste o protótipo do Primitivo (com inicial maiúscula), desligado, em princípio, de quaisquer particularidades de espaço e de tempo. Os dados novos, que a pesquisa revela cada

dit, podem, a custa de algum esforço, ser encaixados dentro das categorias mentais preexistentes. Mas como há sempre algo que transborda do molde, esse levado a exprimir dividas acôrta da legitimidade e utilidade da operação.

Não se pretende aqui instaurar um processo contra Roger Callois, herdeiro e sucessor de Durkheim. Há várias passagens de "L'Homme et le Sacré" que contêm sugestões do mais alto interesse. Tal, por exemplo, a de que a guerra no mundo moderno teria as mesmas funções de que a festa nas sociedades primitivas. A todas, porém, haveria reparos que fazer. E o livro, inteligentemente concebido, e bem arquitetado, deixa, no entanto, uma impressão final de anacronismo.

O autor dêste artigo não deseja apresentar-se como modelo a ser seguido por todos os demais pesquisadores sociais. Se faz apêlo para seus próprios estudos, é porque sua experiência lhe parece particularmente ilustrativa. Os contactos de quasi um ano com os Caribes Negros arrastaram-no para fora das estradas batidas do pensamento, por picadas estreitas, que muitas vêzes êle mesmo tinha que abrir. Resultou disso tudo, mais de que uma ampliação de campo visual, uma revisão de conceitos fundamentais. Quebradas as "teogonias velhissimas, todavia viscerais" de que fala o poeta, pôde vislumbrar a vida dos Caribes Negros naquilo que tem de mais original, a unicidade orgânica de sua cultura.

Estas notas pretendem ser uma apresentação de alguns aspectos dessa cultura.

RUY COELHO



PLÍNIO A. BRANCO
engenheiro-chefe da Divisão de
Energia Elétrica da Prefeitura de S. Paulo

A CRISE DE ENERGIA ELÉTRICA

I

UM DIAGNÓSTICO DIFÍCIL



ANTAS são as crises que se conjugam para angustiar a sociedade, nesta fase de nossa evolução, que difícil se torna analisar isoladamente qualquer delas. Mais difícil ainda encontrar o remédio adequado.

O organismo social está doente. De que padece êle?

Aparentemente de tudo. Internamente, em sua essência, falta-lhe vitalidade; as forças criadoras se debilitaram ou mergulharam em profundo letargo. Os estímulos exteriores já não conseguem despertar o doente, tirá-lo da prostração e da apatia em que se deixou cair.

Este estado enfermizo revela uma grande crise, uma crise impressionante. O médico, em tais circunstâncias, tem ímpetos de saltar ao sagrado juramento e de abandonar o doente à própria sorte, pois descobre, sob a grande crise que põe em risco a vida do paciente, um cortejo enorme de crises menores. A parte anímica do doente está fortemente afetada pela crise de caráter e de cultura, pela hipocrisia, pelas paixões, pelos interesses grosseiros. Do lado externo encontramos a crise de administração, a crise econômica, a crise de garantias individuais e tantas outras crises entre as quais se encerra a crise de energia elétrica.

Crise, é sinônimo de mudança; de passagem de um para outro estado. E como temos fé no futuro, aguardamos pacientemente o restabelecimento da saúde social, fato que será confirmado quando assistirmos à implantação da liberdade na ordem cultural, da igualdade na ordem jurídica e da fraternidade na ordem econômica.

A finalidade dêste estudo é, porém, dizer algo sobre a crise de energia elétrica, manifestação doentia que, no momento, tanto impressiona a opinião pública.

No trato desta questão, gostaríamos de seguir, tão de perto quanto possível, as recomendações de um grande mestre que muito